



**ORGANIZAÇÃO
INTERNACIONAL
DO CAFÉ**

ICC 120-7

18 setembro 2017

Original: inglês

P

Conselho Internacional do Café
120.ª sessão
28 e 29 setembro 2017
Yamoussoukro, Côte d'Ivoire

Agregação de valor no setor cafeeiro africano

Antecedentes

Cumprindo o que determina o Artigo 34 do Acordo Internacional do Café de 2007 (AIC), a Organização Internacional do Café prepara estudos e relatórios sobre aspectos relevantes do setor cafeeiro em benefício dos Membros. Este documento contém um estudo sobre agregação de valor no setor cafeeiro africano.

Ação

Solicita-se ao Conselho que tome nota deste documento.

AGREGAÇÃO DE VALOR NO SETOR CAFEIEIRO AFRICANO

I. Introdução

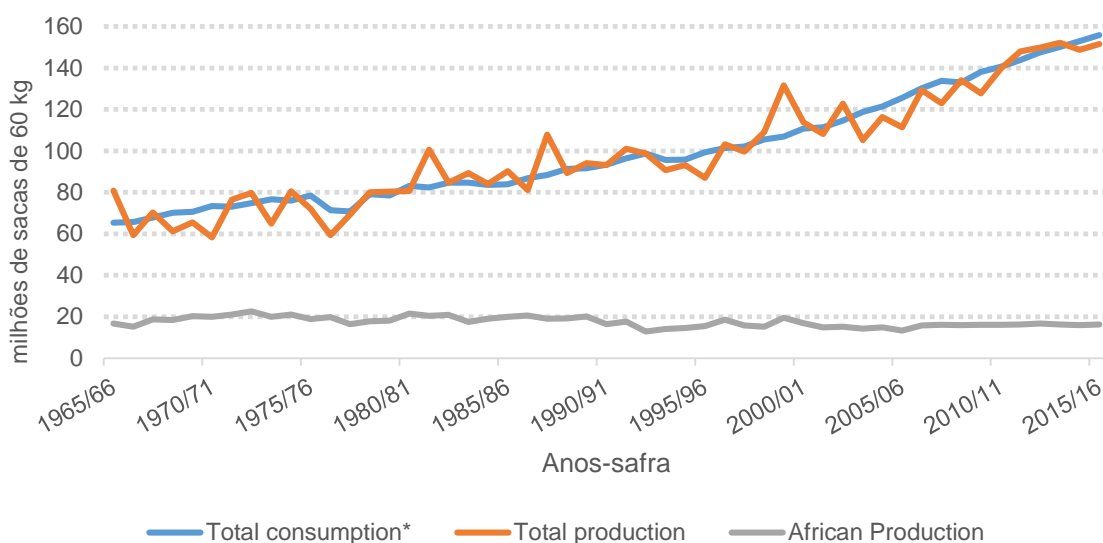
1. Uma publicação recente do Banco Mundial¹ prevê a retomada do crescimento econômico da África subsaariana a uma taxa de 2,6% em 2017, na sequência do acentuado declínio que se observou em 2016. A previsão é de que esse crescimento continuará no período de 2018/19, graças à recuperação dos preços dos produtos básicos e a outros fatores internos, como condições meteorológicas mais favoráveis trazendo benefícios ao importante setor agrícola. Em vista do rumo positivo que a economia em geral está tomando, este estudo examina as perspectivas do setor cafeeiro africano, que em grande parte estagnou nos últimos anos.

2. Especificamente, o objetivo deste estudo é analisar a evolução das estruturas da produção e do consumo desde a liberalização do mercado global de café. Ênfase específica será dada à avaliação do nível de valor agregado no setor cafeeiro da África em comparação com outras regiões produtoras. Por último, os principais entraves ao aumento da agregação de valor serão identificados e as necessidades de investimento postas em relevo.

II. Produção

3. Desde a abolição do sistema de quotas em 1989, a produção global aumentou quase 60%, de uma média de 95,4 milhões de sacas na primeira metade da década de 1990 a um total estimativo de 151,6 milhões em 2016/17 (gráfico 1).

Gráfico 1: Equilíbrio entre a demanda e a oferta globais



*Consumo nos países importadores, por ano cafeeiro

¹ World Bank (2017): *Africa's Pulse. Volume 15*

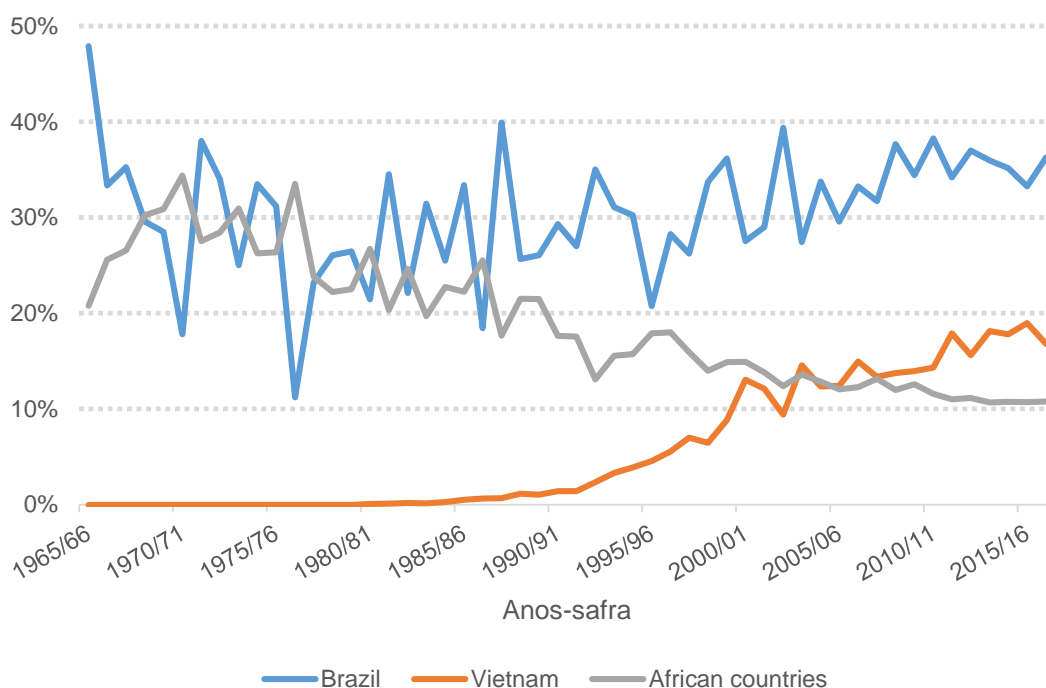
<http://documents.worldbank.org/curated/en/348741492463112162/Africas-pulse>

4. O crescimento global da demanda, em grande parte resultante de maior consumo interno nos países produtores de café e economias emergentes, cria mercados adicionais para os cafeicultores. Nem todos os países produtores, porém, se beneficiam de modo semelhante.

5. Como se vê no gráfico 2, grandes produtores como por exemplo o Brasil, conseguiram elevar sua produção a um ritmo que em geral acompanha o do crescimento da produção global. Em consequência, o Brasil manteve uma participação de mercado de cerca de 30% nas duas últimas décadas. Outros países, como o Vietnã, elevaram sua produção a um ritmo maior que o da oferta global. Com isso, o Vietnã expandiu constantemente sua participação na produção global, alcançando mais de 15%, e passou a ser o segundo maior produtor. No mesmo período, a produção de café da África perdeu força. A participação do continente na produção global caiu de 17,6% em 1990 para 10,8% em 2016, pois a produção africana em geral estagnou por duas décadas. No mesmo período a participação da África no valor total das exportações globais caiu em escala ainda maior, passando de 21% em 1990 a apenas 9,4% em 2016.

6. No entanto, uma análise desagregada dos 25 países africanos que produzem café revela um quadro mais matizado. Desde 1989/90, quando a produção cumulativa do continente se elevou a mais de 20 milhões de sacas, os países produtores, individualmente, seguiram caminhos muito diversos. Alguns conseguiram expandir sua produção enquanto outros hoje produzem muito menos que há 25 anos.

Gráfico 2: Participação de países selecionados na produção global de café



7. O gráfico 3 abaixo mostra a evolução da produção de café nos dez maiores países produtores do continente africano (base 1990/91). Na maioria deles a produção despencou, diminuindo cerca de 50%. Depois de cair no início da década de 1990, ela se manteve baixa no Burundi, nos Camarões, na República Democrática do Congo e em Ruanda. Na Tanzânia, a queda inicial foi menos pronunciada, e os níveis de hoje são similares aos de 1990/91.

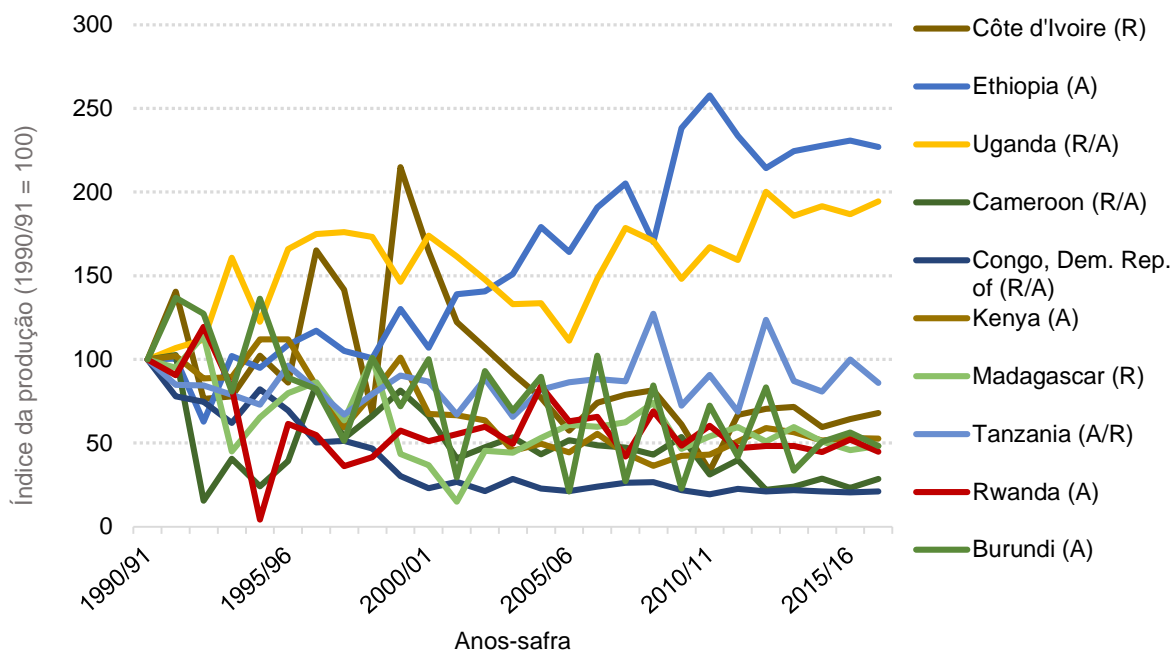
8. As razões do declínio dos setores cafeeiros na maioria dos países são variadas. Um fator importante foi a liberalização dos setores após o abandono do sistema de quotas de exportação do Acordo Internacional do Café. Estruturas regulatórias e institutos nacionais, como as juntas do café que antes compravam café dos produtores a preços institucionais para comercializá-lo na Europa e outros centros de consumo, foram dissolvidos. Quando os preços caíram devido ao excesso de oferta logo após a abolição das cláusulas econômicas do Acordo, muitos setores nacionais do café se viram paralisados.

9. Em alguns países, como o Burundi, a Rep. Dem. do Congo e Ruanda, esses efeitos foram exacerbados por conflitos violentos e guerra civil. Nesse contexto, a Côte d'Ivoire é digna de nota, pois seu setor cafeeiro se expandiu depois da liberalização e sua produção a princípio cresceu, até entrar em colapso com a guerra civil no início deste milênio.

10. A produtividade é baixa na maioria dos países produtores da África, onde no período de 2011/12 a 2013/14 o rendimento médio foi de 400 kg/ha. O uso de fertilizantes minerais e pesticidas é limitado, e os cafeeiros que envelhecem só são substituídos devagar, pois o acesso a financiamento é severamente limitado. A falta de serviços de extensão eficazes na maioria dos países também entrava a transferência de aptidões e a adoção de técnicas agrícolas modernas.

11. Duas notáveis exceções a essa tendência geralmente negativa são a Etiópia e Uganda. Os dois países expandiram sua produção depois da década de 1990, conseguindo mais ou menos dobrá-la. Enquanto a Etiópia é um país produtor de Arábica, os cafeicultores de Uganda cultivam predominantemente Robusta.

Gráfico 3: Evolução da produção de café em países africanos seleccionados



12. Apesar da tendência à estagnação de sua produção em geral, o café prossegue muito importante para o conjunto da economia de muitos países africanos. Em 1990 sua contribuição ao PIB do Burundi, Uganda e Ruanda foi, respectivamente, de 5,3%, 3,3% e 3,2% (quadro 1). Em 2015 a participação do café nos PIBs continuava acima de 1%, exceto em Ruanda, onde se estima que ela foi de 0,8%. O café é um importante cultivo pecuniário para as famílias rurais. Calcula-se que ele seja uma fonte de subsistência e emprego para aproximadamente 7 milhões de famílias da África, a maioria delas de pequenos produtores.

13. Em 1990 o café era de longe o produto de exportação mais importante de muitos países, respondendo por mais de três quartos do total das exportações (em valor) de Uganda, Burundi, Etiópia e Ruanda. Desde então sua participação nas exportações diminuiu muito, pois as pautas de exportação se diversificaram. No entanto, a dependência do café para a obtenção de divisas continua grande e, assim, a constituir uma preocupação potencial para o Burundi, Uganda e a Etiópia, devido à exposição do café a um mercado notoriamente volátil, caracterizado por intensas flutuações de preços.

Quadro 1: Importância econômica do café em países africanos selecionados

País	Participação do café em % do PIB		Participação do café em % do valor das exportações	
	1990	2015	1990	2015
Uganda	3,3	1,5	92,1	17,9
Burundi	5,3	1,3	80,6	35,6
Etiópia	1,1	1,2	44,0	18,9
Ruanda	3,2	0,8	75,2	9,4
Togo	1,1	0,5	6,6	1,6
Côte d'Ivoire	2,6	0,3	9,2	1,0
Quênia	2,4	0,3	20,0	3,6
Tanzânia	1,9	0,3	24,2	3,0
Guiné	0,2	0,3	0,8	0,8
República Centro-Africana	0,7	0,2	8,5	4,1

II.1 Consumo interno

14. Comparado com outras regiões do mundo, o continente africano só contribui modestamente para a demanda global de café. Em 2015/16, em torno de 10 milhões de sacas foram consumidas nos países africanos. Com esse volume, a participação dos países exportadores e importadores do continente correspondeu a 6,8% da demanda global. Entre 2012/13 e 2015/16 a demanda aumentou 1% por ano, em ritmo mais rápido que na Europa e na América do Sul, mas mais lento que o da média global.

Quadro 2: Demanda global de café (em milhões de sacas de 60 kg) *

	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	CAGR (2012/13 - 2015/16)
Total mundial	146.964	149.022	151.758	155.469	1,9%
África	10.470	10.597	10.754	10.794	1,0%
Etiópia	3.400	3.650	3.675	3.700	2,9%
Côte d'Ivoire	317	317	317	317	0,0%
Uganda	216	221	229	234	2,7%
Ásia & Oceania	29.445	30.701	32.550	33.611	4,5%
América Central & México	5.200	5.156	5.235	5.306	0,7%
Europa	50.028	50.179	50.912	51.590	1,0%
América do Norte	26.778	27.706	27.359	28.931	2,6%
América do Sul	25.042	24.682	24.949	25.237	0,3%

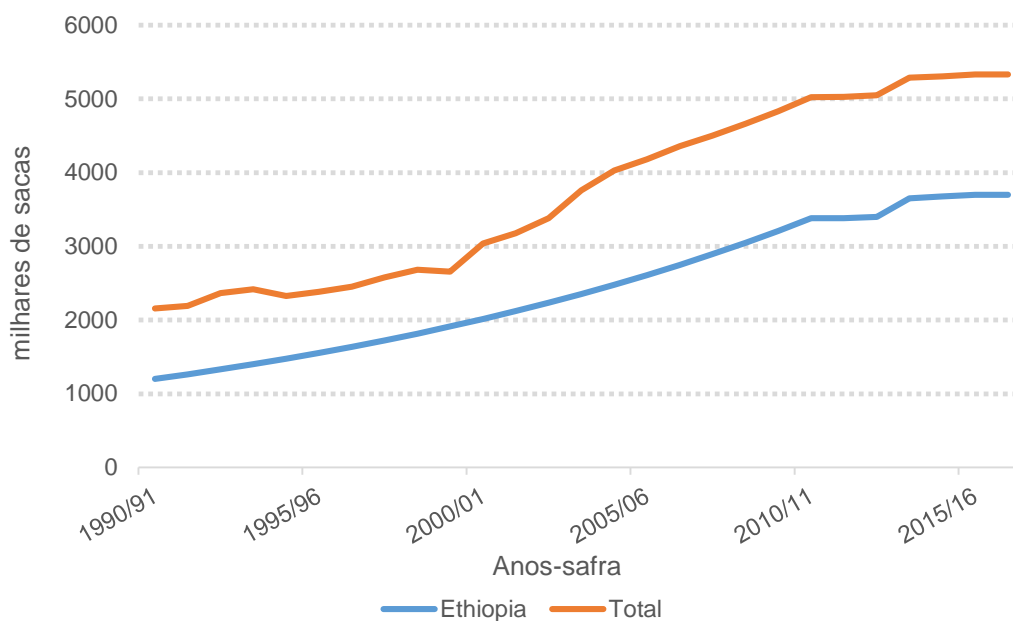
*Consumo nos países importadores com base em anos cafeeiros

CAGR = taxa composta de crescimento anual.

15. Concentrando-nos nos países produtores de café do continente africano, vemos que o consumo interno aumentou muito nesse subconjunto de países (gráfico 4). Entre os anos-safra de 1990/91 e 2015/16 o consumo anual nos mercados do subconjunto mais que dobrou, de 2,2 para 5,3 milhões de sacas. O principal motor desse crescimento foi a Etiópia, onde o

aumento médio do consumo foi de 4,4% por ano. Nos demais países produtores da África a demanda só cresceu à taxa de 2,5%. Em resultado, a participação etíope no consumo interno dos países focados aumentou de 55% para 70% desde o início da década de 1990.

Gráfico 4: Consumo interno nos países africanos produtores de café

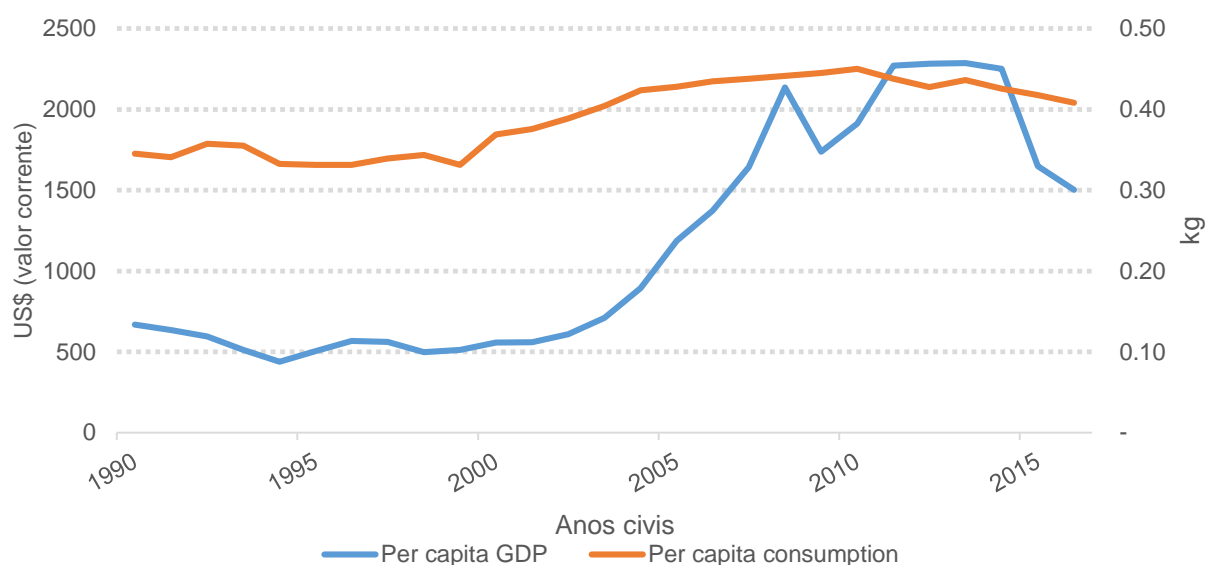


16. O aumento da demanda interna de café resulta de um aumento significativo da população e, até recentemente, do consumo per capita. O gráfico 5 mostra que o café se tornou mais popular no período de 2000 a 2008, quando o PIB per capita em média subiu de cerca de US\$500 para cerca de US\$2.000 nos países produtores. No mesmo período o consumo per capita aumentou de 0,35 kg para 0,45 kg, sugerindo a ocorrência de uma superação gradual das limitações de renda e dos fatores culturais que entravam o consumo.

17. A Etiópia registra os níveis mais altos de consumo per capita (2,6 kg), enquanto em outros importantes produtores, como a Côte d'Ivoire e Uganda, os níveis se mantêm abaixo de 1 kg per capita. É preciso notar, porém, que a média etária da população é muito baixa no continente africano em comparação com outras regiões do mundo. Por exemplo, em 2015 a média etária no Burundi e na Etiópia era de 17 anos, comparada com quase 30 na Colômbia. Como é mais provável que o café seja consumido por adolescentes e adultos que por crianças, o consumo per capita tende a ser mais baixo nos países onde a média etária da população é baixa.

18. O crescimento econômico no período que estamos investigando resultou sobretudo de uma expansão rápida das exportações de commodities como o petróleo. Desde a crise financeira de 2008 o consumo per capita de café caiu ligeiramente, mas com a perspectiva positiva de crescimento econômico esta tendência pode se inverter nos próximos anos.

Gráfico 5: PIB per capita vs. consumo de café per capita nos países produtores de café



III. Agregação de valor no setor cafeeiro africano

19. Em vista da forte contribuição dos setores cafeeiros nacionais a muitas economias africanas, o nível de valor agregado nos países de origem será agora examinado. A cadeia da oferta de café que conecta cafeicultores a consumidores compõe-se de múltiplos elos, que incluem exportadores, traders, torrefadores e comércio varejista. A maior proporção do valor agregado na cadeia da oferta se cria nos países importadores. No entanto, há meios de acrescentar ou reter mais valor nos países produtores.

III.1 Exportações de café processado por via úmida e por via seca

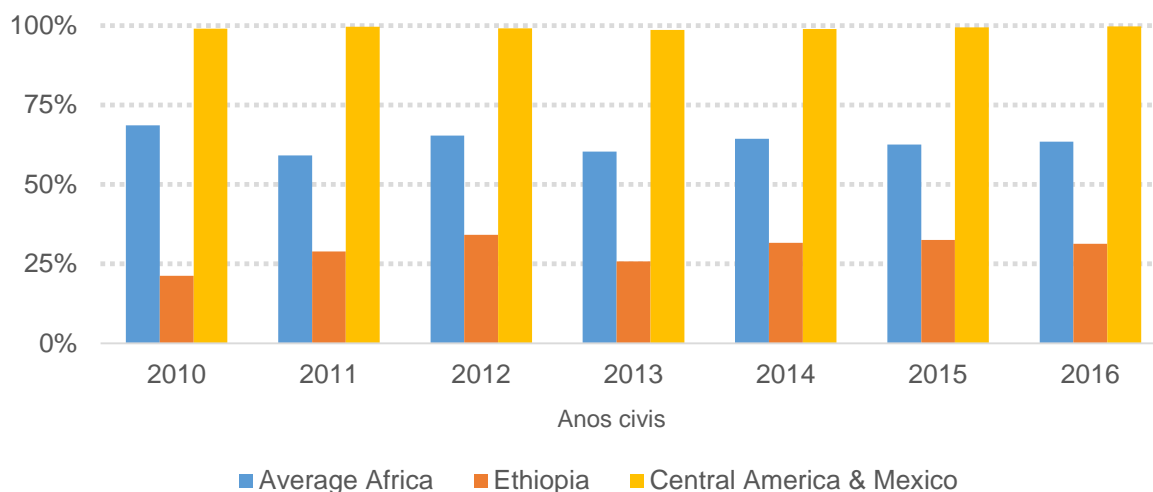
20. A qualidade do café em grão é muito influenciada pelo processamento que se faz imediatamente após a colheita, em geral por via seca ou via úmida. Quando por via seca, o processamento exige menos investimentos em instalações e maquinaria, mas rende café em grão de menor qualidade. O processamento por via úmida, que envolve o despulpamento das cerejas de café usando água, conduz a um perfil de sabor mais limpo, que em muitos países consumidores é considerado superior. A facilidade de acesso a uma estação de lavagem de propriedade cooperativa ou particular, contudo, é crucial.

21. O processamento pós-colheita tem grande impacto nos preços que os cafeicultores podem esperar receber. O café lavado, produto de processamento por via úmida, obtém prêmios consideráveis no mercado mundial. Um estudo empírico constatou que o café lavado da Etiópia era vendido a preços 20% acima dos cafés processados por via seca.²

² Tamru S. e B. Minten (2016). Agregação de valor e processamento pelos cafeicultores nos países em desenvolvimento: evidência do setor cafeeiro da Etiópia. Participante convidado da 5.ª Conferência Internacional da Associação Africana dos Economistas Agrícolas, 23-26 de setembro de 2016, Adis Abeba.

22. O gráfico 6 mostra que a participação do café lavado no total das exportações varia entre países. Exemplificando: o café lavado representa 30% das exportações da Etiópia e virtualmente todo o café do Quênia.

Gráfico 6: Participação do café processado por via úmida no total das exportações de Arábica (2010-2016)

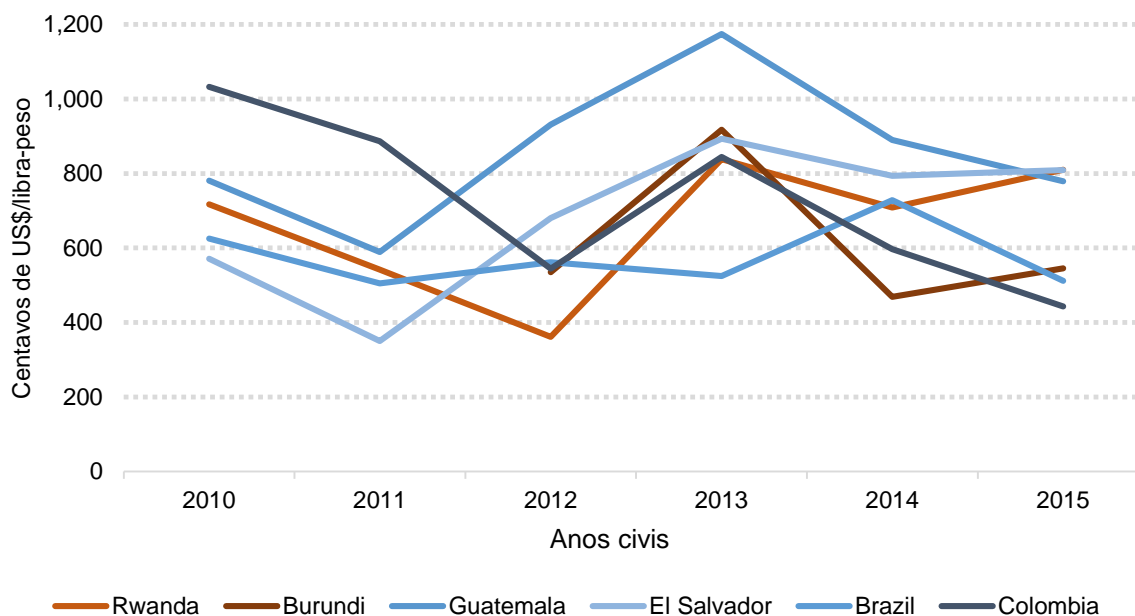


23. Existem oportunidades para os produtores africanos de também se posicionarem no segmento de alto valor do mercado dos cafés especiais, que se caracterizam por perfis de sabor específicos e são vendidos em pequenos lotes, em geral a torrefadores de menor porte. Esse segmento do mercado tem conseguido taxas elevadas de crescimento nos últimos anos. Por exemplo, de acordo com um estudo realizado em 2015 pela Allegra, uma empresa de pesquisa de mercado, no Reino Unido o crescimento do mercado de cafés especiais (13% por ano) supera o do mercado como um todo (10% por ano).

24. Alguns países produtores se posicionaram com sucesso no segmento dos cafés especiais. Dados sobre os resultados de leilões divulgados pela Alliance for Coffee Excellence (ACE), a organização não lucrativa que dirige o programa Taça de Excelência (“Cup of Excellence”, em inglês), revelam que Ruanda e o Burundi estão bem posicionados para produzir cafés mais finos. O gráfico 7 mostra o diferencial entre os preços médios conseguidos em leilões e os preços de futuros do Arábica (média da 2.^a e 3.^a posições) apurados na época correspondente. O prêmio médio pago por pequenos lotes de cafés especiais foi significativo, variando de perto de 400 a quase 1.200 centavos de dólar dos EUA por libra-peso, dependendo do ano. No período coberto por este estudo, café dos dois países africanos que participaram dos leilões do programa Taça de Excelência (Burundi e Ruanda) parecia em boas condições de competir com café de outras origens como o Brasil, a Colômbia e El Salvador. Lotes da Guatemala parecem ter obtido preços continuamente superiores aos dos outros países da amostragem.

25. Para os exportadores a importância econômica deste segmento privilegiado do mercado ainda é relativamente pequena. Por exemplo, no total só 909 lotes³ de cafés especiais foram vendidos em leilões no Burundi em 2015. O valor cumulativo foi de perto de US\$400.000, equivalendo a 0,1% do total das exportações durante o mesmo período.

Gráfico 7: Prêmio médio nos leilões da Taça de Excelência acima dos preços de futuros do Arábica



Fonte: Cálculos da OIC baseados em dados do leilão da Taça de Excelência

III.2 Café solúvel e café torrado

26. A importância econômica do setor cafeeiro não é determinada apenas pelo volume da produção, mas também pelo grau de processamento industrial do café antes de seu embarque ou seu consumo interno. Contudo, o papel do processamento de café na África hoje é apenas periférico.

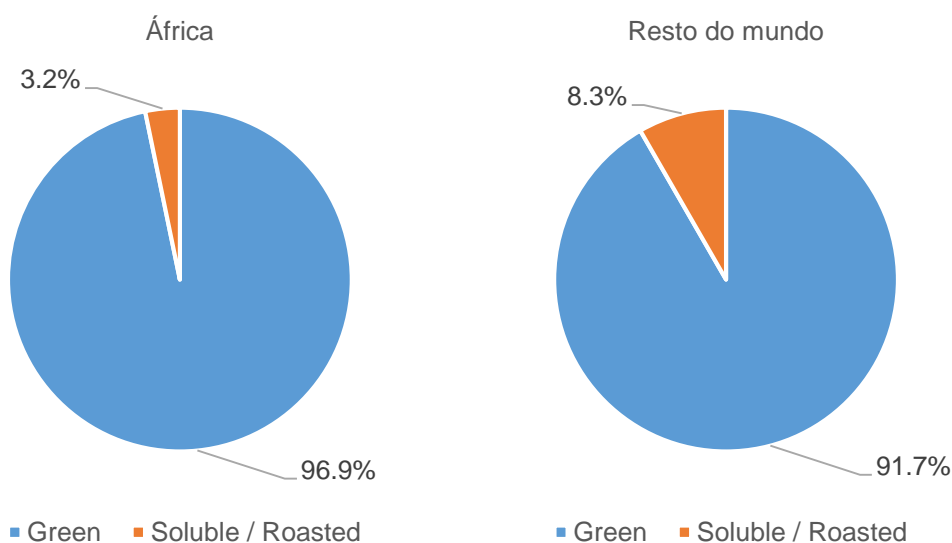
27. O gráfico 8 indica que em 2015 a vasta maioria dos embarques africanos foi na forma de café verde. Só 3,1% das exportações foram de café processado (na maior parte, solúvel). Essa porcentagem se compara desfavoravelmente com os 8% que o café processado representa no total das exportações de todos os demais países produtores, sugerindo que a agregação de valor nos países africanos é inferior à média mundial.

28. A Côte d'Ivoire é de longe o mais importante produtor de café solúvel entre os países produtores da África. Em 2015 suas exportações de solúvel somaram 323.000 sacas, representando 96% de todas as exportações de solúvel do continente africano. As exportações

³ 30 kg / lote

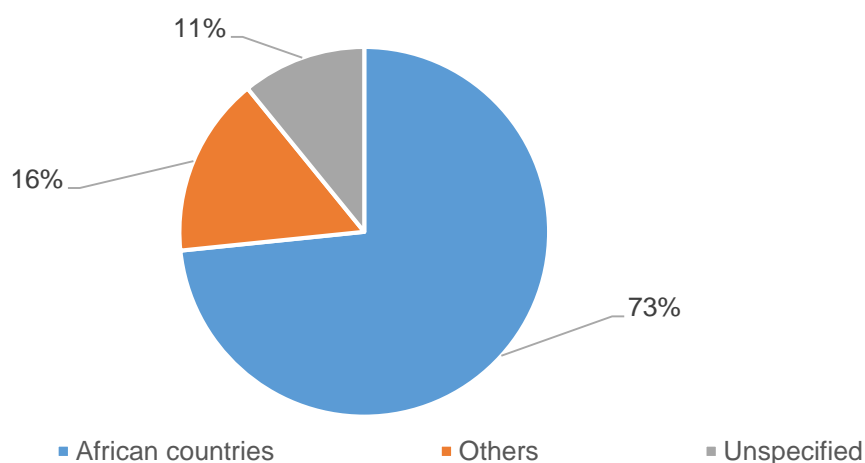
de solúvel da Côte d'Ivoire flutuaram significativamente nas duas últimas décadas. Depois de um período de crescimento constante entre 1990 e o início do milênio que culminou na duplicação das exportações, os embarques diminuíram muito, caindo de 411.000 sacas em 2003 para 165.000 em 2006. Desde então a produção se recuperou, mas sem alcançar os níveis de antes da guerra civil. Isso ilustra o impacto de longo prazo da instabilidade política e dos conflitos sobre o setor cafeeiro.

Gráfico 8: Desdobramento do total das exportações, por forma de café (2015)



29. O gráfico 9 mostra que os principais destinos das exportações de solúvel da Côte d'Ivoire são países da região (22% e 14% são exportados para Burkina Faso e o Senegal, respectivamente). Pelo menos 73% do solúvel produzido no país permanece no continente africano, e o restante é exportado à Europa.

Gráfico 9: Destinos do café solúvel exportado pela Côte d'Ivoire (2015)



30. O café torrado na origem para exportação desempenha um papel ainda menor que o café solúvel. De se notar é que o volume total das exportações de café torrado diminuiu significativamente, de perto de 6.500 sacas em 1989/90 para cerca de 1.800 em 2015/16. O Quênia, Ruanda e a Guiné respondem por 95% das exportações de café torrado.

IV. Enfrentando entraves ao aumento da agregação de valor

31. O caminho para agregar valor ao café verde que se produz depende da natureza do setor cafeeiro de um país. Os países onde a produção de Arábica predomina podem incrementar o valor agregado melhorando a qualidade da produção. Isso lhes possibilita colocar seu café em mercados de maior valor. Os países que produzem Robusta ou Arábica de baixa qualidade também podem processar café internamente e fornecer aos mercados interno, regional e internacional, mas isso irá depender da competitividade do setor e do desenvolvimento da demanda interna. Há, porém, limitações que precisam ser superadas tanto a nível da propriedade agrícola quanto da integração dos cafeicultores e setores cafeeiros internos nas cadeias globais de valor.

IV.1 Melhorando a qualidade

32. É na propriedade agrícola que se lança a base do fornecimento de café de qualidade aos mercados. Os cafeicultores precisam ter acesso a aptidões e a conhecimentos sobre modernos métodos agrícolas. Isso requer instituições cafeeiras fortes, compreendendo institutos de pesquisa e serviços de extensão, para desenvolver e divulgar técnicas de produção adaptadas a cada lugar.

33. Os produtores de café da África subsaariana usam menos fertilizantes e pesticidas que os de outras regiões do mundo. Isso resulta em baixa produtividade. O acesso a mercados de fatores e a financiamento precisa ser melhorado, para possibilitar o uso adequado de insumos e reduzir as diferenças atuais de produtividade. A formação de associações eficazes de agricultores também pode desempenhar um papel importante na comercialização das safras.

34. Ante cafeeiros que produzem menos cerejas devido a envelhecimento, o replantio e a reabilitação das lavouras são cruciais. Além disso, há variedades modernas não apenas mais resistentes a pragas e doenças, como também melhor adaptadas ao impacto das mudanças climáticas.

35. Isso é particularmente importante, pois pesquisas sugerem que tanto o rendimento quanto a qualidade podem ser prejudicados pela alteração das condições climáticas. Um estudo abrangente demonstrou que, em escala global, as áreas apropriadas à produção de Arábica poderiam diminuir 50% em uma gama de cenários de emissões.⁴ O modelo prevê maior adequação à produção cafeeira na África oriental, mas os terrenos para tanto estão hoje cobertos por florestas. Um estudo recente focalizando a Etiópia averiguou sérias consequências nas atuais áreas de produção de café, incluindo as que são famosas por alta qualidade, como Yirgacheffe, Harar e Bale.⁵ As mudanças climáticas podem afetar até 60% das áreas de produção, tornando-as inadequadas para a cafeicultura. A manutenção ou até mesmo o aumento da produção de qualidade exigirá uma migração da produção para maiores altitudes. Na Etiópia parece haver terrenos suficientes em maiores altitudes mais apropriados para o cultivo de Arábica durante as mudanças climáticas.

36. No entanto, grandes investimentos são necessários, incluindo capital humano, para gradualmente construir uma base produtiva em outras áreas. Embora a migração, se feita corretamente, possa ser uma estratégia para manter a produção interna e assim um setor cafeeiro de dimensões consideráveis na Etiópia, esta não é uma opção para todos os países, pois poderia causar danos aos ecossistemas, por exemplo, através de desmatamento. Acresce que em muitos países o perfil topográfico simplesmente não permite a migração para maiores altitudes.

37. Finalmente, a infraestrutura do processamento pós-colheita precisa ser expandida para aumentar a participação do café lavado no total das exportações. Em algumas áreas a taxa de utilização da atual capacidade instalada precisa subir para tornar as estações de lavagem mais rentáveis.

38. A superação desses entraves acarretará custos. De acordo com um estudo recente da Plataforma Global do Café (PGC), uma organização de membros do setor cafeeiro, seria preciso investir US\$1,4 bilhão nos próximos dez anos em nove origens africanas que o estudo focaliza. A maior parte dos fundos (83%) se destinaria a apoiar o treinamento de cafeicultores e a atender a necessidades de capital de giro.⁶

⁴ Bunn, C., P. Läderach, O. Ovalle Rivera e D. Kirschke (2015): *A bitter cup: climate change profile of global production of Arabica and Robusta coffee*. *Climatic Change*, Vol. 129 (1-2), pp 89 – 101

⁵ Moat J., J. Williams, S. Baena, T. Wilkinson, T.W. Gole Z.K. Challa, S. Demissew, A.P. Davis (2017). *Resilience potential of the Ethiopian coffee sector under climate change*. *Nature Plants* Vol. 19(3).

⁶ *Global Coffee Platform (2016): African coffee sector investment opportunities*. <http://www.globalcoffeeplatform.org/resources/african-investment-review-full-reports>

IV.2 Integração do mercado

39. Os custos do comércio transfronteiras determinam a capacidade dos países produtores de acessar mercados regionais e internacionais. Como os produtores de café são tomadores de preços, custos elevados reduzem os valores que lhes são pagos e corroem a viabilidade econômica da cafeicultura.

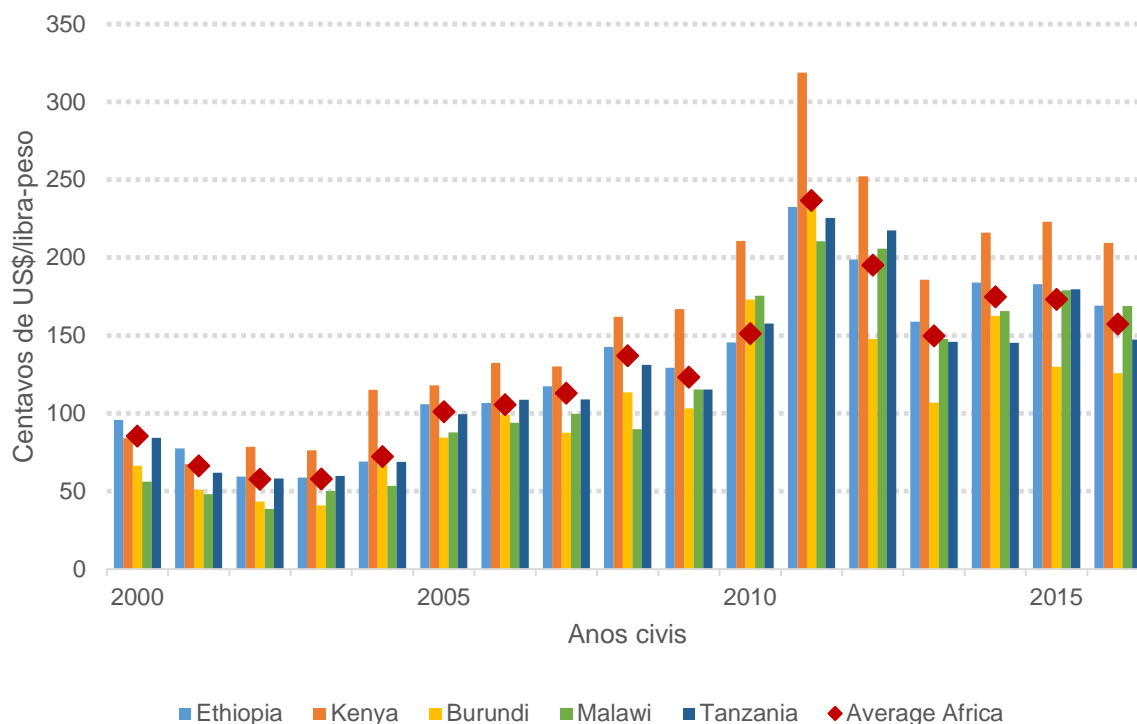
40. O nível desses custos é determinado por uma variedade de fatores. De acordo com o banco de dados sobre custos do comércio transfronteiras do Banco Mundial, entre 0% e 10% deles resultam de tarifas, enquanto de 10% a 30% são custos físicos resultantes de fatores geográficos. A maior parte (60% a 80%), entretanto, advém de barreiras não tarifárias, incluindo procedimentos aduaneiros, ambiente regulatório, flutuações de câmbio e outros fatores.⁷

41. O gráfico 10 mostra a evolução do valor unitário das exportações de Arábica de países africanos selecionados no período de 2000 a 2016. A média mais alta do valor unitário foi registrada no Quênia (161,81 centavos de dólar dos EUA por libra-peso), e a mais baixa no Burundi (107,95 centavos). A variação em valores unitários entre países pode ser explicada principalmente por dois fatores: diferenças de qualidade e diferenças dos custos do comércio transfronteiras. Embora mais análise seja necessária para determinar a importância relativa da qualidade e os efeitos dos custos do comércio transfronteiras, é evidente que os países em que os valores unitários estão abaixo da média são países sem litoral. Os custos do comércio transfronteiras nos países geograficamente mais isolados tendem a ser mais altos, pois é provável que o trânsito de produtos por países vizinhos aumente os custos. Isso também é confirmado no estudo dos países que a PGC conduziu recentemente.

42. Assim, é necessário investir para melhorar a infraestrutura de transportes – nas conexões rodoviárias e ferroviárias, por exemplo. Além disso, a burocracia precisa ser reduzida e os procedimentos aduaneiros simplificados. Custos mais baixos do comércio transfronteiras podem melhorar significativamente a competitividade do café africano nos mercados de exportação.

⁷ OECD & WTO (2015): *Aid for Trade at a Glance 2015 – Reducing trade costs for inclusive, sustainable growth*. Chapter 6, p. 171

Gráfico 10: Valor unitário das exportações de Arábica (todas as formas de café) de países africanos selecionados



V. Conclusão

43. Apesar da estagnação da produção de café no continente africano como um todo em anos recentes, alguns países reavivaram com sucesso seus setores cafeeiros internos. O valor agregado retido nos países produtores pode ser incrementado pela melhoria da qualidade do café verde de exportação, a construção de infraestrutura de processamento para suprir os mercados internos e melhor integração da produção interna de café com os mercados regionais e internacionais.

44. A obtenção de maior valor agregado requer investimentos na agricultura para melhorar as técnicas de produção e substituir por replantio os cafeeiros envelhecidos. Instituições do café, entre as quais institutos de pesquisa há muito negligenciados, precisam ser fortalecidas. Ao mesmo tempo, a infraestrutura física para reduzir os custos de transporte deveria ser melhorada, as barreiras não tarifárias deveriam ser reduzidas e os procedimentos alfandegários simplificados. Isso beneficiaria incomensuravelmente os países sem litoral.